

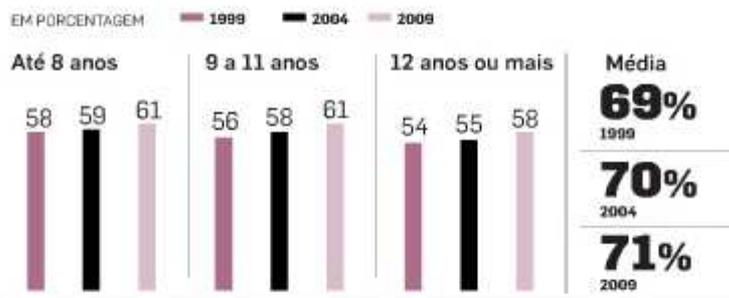
# Economia sem frescuras: por Ciça Vallerio

## 1 Desigualdade salarial

Levantamento divulgado este mês pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que diminuiu um pouco a diferença salarial entre homens e mulheres. Em 1999, as mulheres recebiam 69% do rendimento médio dos homens. Em 2004, esse percentual foi para 70% e, em 2009, fechou em 71%. Apesar da maior escolaridade, dado comprovado novamente na atual Síntese de Indicadores Sociais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), as mulheres ganham menos do que eles. O discreto enfraquecimento dessa desigualdade já é motivo para comemoração, observa Luana Simões Pinheiro, gerente de projetos da Secretaria de Políticas para as Mulheres. "A redução da distância dos rendimentos masculino e feminino não é na velocidade desejada, no entanto, a tendência

### RENDIMENTO MÉDIO DAS MULHERES

Em comparação com o dos homens, conforme anos de estudo



Com relação ao trabalho



Obs.: Dados de mulheres ocupadas com mais de 16 anos de idade

FONTE: IBGE, PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD) 2009

INFOGRÁFICO/AE

de aproximação é contínua." No mercado formal, em 2009, a diferença salarial foi menor ainda: elas chegaram a receber 74,6% do rendimento dos homens na mesma situação.

Mas, no informal, o percentual foi de 63,2%. Esta diferença pode ser explicada pela qualificação profissional, que é maior entre as mulheres empregadas. A boa notícia é que, com o crescimento da economia, a recuperação salarial da população foi maior entre as mulheres, aponta Luana. De acordo com o cruzamento de dados do PNAD/IBGE e Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre 2004 e 2008, houve um crescimento de 14,5% dos rendimentos salariais reais femininos e de 12,4% dos masculinos. "Todos ganharam, mas as mulheres se beneficiaram um pouco mais, o que permitiu a redução do hiato salarial existente", avalia.

Por outro lado, dados do PNAD mostram que, entre 1999 e 2009, a disparidade de rendimentos entre mulheres com 12 anos ou mais de estudo foi pouco reduzida. Elas ganharam apenas 54% do rendimento de homens com a mesma escolaridade. E, no ano passado, esse percentual foi para 58%. Segundo Luana, as razões culturais dificultam a busca pela equiparação. A menor jornada de trabalho feminina é uma das justificativas oficiais. De acordo com os números atuais da pesquisa do IBGE, 36,5 é o número de horas da jornada semanal delas, enquanto a deles chega a 43,9 horas. "No entanto, não se leva em consideração os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, o que, na grande maioria, recai sobre as mulheres", ressalta Luana. Computando essas responsabilidades familiares, a carga horária de trabalho das mulheres torna-se superior à dos homens. E, com isso, se reproduzem, diz a especialista, estereótipos nas empresas, o que emperra a ascensão feminina a postos de liderança.